

Maílson convencido:

O ministro tem recebido o apoio dos banqueiros nesta nova viagem ao Exterior, que

Exterior

vai haver acordo.

precede a renegociação da dívida de US\$ 18 bilhões com o Clube de Paris.

O ministro Maílson da Nóbrega voou ontem à noite de Londres para Paris convencido de que o País conseguirá renegociar, no final do mês, parte de sua dívida de US\$ 18 bilhões junto aos 14 governos membros do Clube de Paris. O ministro da Fazenda também mostrava-se satisfeito — conforme relata o correspondente do *Jornal da Tarde* na capital inglesa, José Carlos Santana — com os resultados de suas conversações nos últimos dias com banqueiros e o governo britânico, que prometeram apoiá-lo nas negociações com o Clube de Paris, marcadas para uma só rodada, nos próximos dias 28 e 29, no Hotel Majestic, da capital francesa. Na ocasião, Maílson também pedirá oficialmente a concessão de um empréstimo-ponte de US\$ 500 milhões, para pagamento de juros atrasados.

Enquanto isso, nosso correspondente na capital francesa, Reali Júnior, informava que os grandes bancos franceses estão igualmente satisfeitos com o acordo firmado pelo Brasil, em junho, de reescalonamento por mais 20 anos (com oito de carência e acompanhado de novos empréstimos de US\$ 5,2 bilhões) de sua dívida de US\$ 63,6 bilhões junto a quase 700 bancos comerciais. Por essa razão, nenhum dos pesos-pesados do crédito francês acredita que o País terá grandes dificuldades para renegociar os US\$ 18 bilhões concedidos — ou avalizados — pelos membros do Clube de Paris.

Maílson da Nóbrega começou ontem seu dia de trabalho reunindo-se com um grupo de jornalistas ingleses na residência do embaixador Celso Souza e Silva. Depois da conversa com os jornalistas, Maílson seguiu para o Ministério do Tesouro, onde reuniu-se com seu colega Nigel Lawson.

"O ministro recebeu muito bem minhas explicações — comentou Maílson — e disse que considera o programa econômico do Brasil sadio, capaz de dar bons resultados. Aproveitou para me dar um conselho, para que eu jamais deixasse a economia do Brasil entrar em juros negativos. Mas essa é uma preocupação que temos tido já há muito tempo. Aliás, essa tem sido uma característica da política do Brasil, nos últimos anos, de evitar a ocorrência de juros negativos."

Depois da reunião com Nigel Lawson, que prometeu ao ministro o apoio da Grã-Bretanha às negociações do Brasil com o Clube de Paris, para reescalonamento de sua dívida de US\$ 18 bilhões com os países industrializados e a concessão de mais US\$ 500 milhões, Maílson da Nóbrega foi fazer uma palestra para cerca de 150 banqueiros reunidos num dos auditórios do "Barbican Centre". Antes dele, falaram representantes do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial e do Banco da Inglaterra.

"Todos fizeram pronunciamentos muito positivos — disse o ministro —, não só sobre o programa econômico brasileiro em si, mas também sobre o pacote negociado com o Comitê Assessor de Bancos, em Nova York."

Às 18h30 locais, depois de um encontro com o presidente do Banco da Inglaterra, Robert Leigh-Pemberton, que demorou mais que o previsto, o ministro da Fazenda embarcou num avião da "British Airways" rumo a Paris. Nessa atual viagem em busca de apoio internacional, iniciada quinta-feira, ele irá ainda à Alemanha Ocidental e à Itália.

Na entrevista rápida que deu aos correspondentes brasileiros, na sede do Banco do Brasil, em Londres, Maílson disse que apenas dois dos 14 países que integram o Clube de Paris ainda não se pronunciaram sobre a questão do empréstimo, mas que espera um anúncio oficial da posição do

Clube — positiva — para os próximos dias.

Quanto aos banqueiros e a reação deles ao pedido de mais um empréstimo de US\$ 5,2 bilhões, incluído no programa de reescalonamento de US\$ 63,6 bilhões da dívida brasileira com os bancos comerciais, o ministro admitiu a existência de dificuldades no processo de adesão ao pacote, e confessou que até mesmo instituições poderosas como o "National Westminster Bank" demonstraram certa resistência à idéia de fornecer dinheiro novo ao Brasil.

No jantar que o ministro ofereceu aos diretores dos quatro bancos mais importantes do Reino Unido, na noite de domingo, foi o presidente do "Natwest", Lorde Boardman, o mais reticente e menos entusiasmado com o acordo alcançado em Nova York. Porém, os demais — Jeremy Norse, do "Lloyds Bank", John Quinton do "Barclays Bank", e Kit Menahon, do "Nidland" —, elogiaram os esforços do governo brasileiro para corrigir as distorções da economia e para restaurar sua credibilidade no mercado financeiro internacional. Os três deram a entender que poderão conseguir dos seus bancos o apoio ao pacote.

"Protecionismo"

Hoje, Maílson da Nóbrega deverá avistar-se com o ministro da Economia da França, Pierre Beregovoy, mas antes toma café da manhã com o presidente do Clube de Paris, Jean Claude Trichet, e depois almoça com banqueiros. Do programa do ministro brasileiro faz parte também uma reunião separada com o presidente do "Crédit Lyonnais", Jean Maxine Levèque, banco que representou os demais franceses no Comitê de Nova York. Maílson poderá ouvir críticas de seu colega francês ao crescente protecionismo brasileiro. Uma postura mais aberta e liberal do governo brasileiro nessa área poderá levar o governo francês a reafirmar sua boa vontade atual nas negociações que estão sendo abertas com o Clube de Paris.

Todos os grandes bancos franceses envolvidos com a dívida comercial brasileira estão muito satisfeitos com os termos do recente acordo firmado nos Estados Unidos, razão pela qual nenhum deles acredita que o País terá grandes dificuldades para reescalonar sua dívida pública — ou garantida pelos governos — com o Clube de Paris, conforme se observou, na semana passada, na reunião entre banqueiros e integrantes do Tesouro francês, responsáveis pela Secretaria do Clube.

Mas nem tudo constitui um mar de rosas para o governo brasileiro. Importante fonte do próprio gabinete do ministro de Economia da França informou que no encontro com Maílson, esta manhã, em Paris, o ministro Pierre Beregovoy não vai perder a ocasião para criticar o crescente protecionismo brasileiro que tem prejudicado as exportações francesas.

De qualquer forma, neste momento os grandes bancos franceses estão desenvolvendo esforços para convencer os pequenos, sempre os mais reticentes, a aceitarem também as recomendações do Comitê de Bancos. Ainda ontem, uma fonte do "BNP", banco bastante envolvido com a dívida brasileira, classificou como "muito bom" o acordo com os bancos, convencida de que o País está recuperando sua imagem externa junto à comunidade financeira. Outro representante de banco, do "Crédit Lyonnais", Claude Pasquier, acredita que assim que forem concluídas as negociações com o Clube de Paris serão imediatamente reabertas as linhas de crédito de exportação para o Brasil, não apenas da França, mas também dos demais países integrantes do Clube de Paris.